1 | SCARLETT

Vou à prisão.

Não porque tenha feito algo ilegal, mas porque *finalmente* o encontrei.

Passaram precisamente sete anos e trinta e dois dias desde a última vez que vi o Victor Hall, o meu pai biológico. Ainda me lembro da forma como os seus olhos se demoraram em mim enquanto o oficial de justiça o levava, algemado, após o meu testemunho, uma memória que tentei desesperadamente apagar. E então, do nada, recebi a chamada.

Ouço a mensagem de voz pela terceira vez desde que acordei.

«*Bom dia, daqui fala Risa, da MCI-Norfolk. Recebemos o seu pedido para visitar um recluso desta instituição. Devido ao volume elevado de chamadas e visitas, o nosso sistema está atualmente com atrasos. Estamos a analisar o seu pedido e entraremos em contacto assim que a sua visita for agendada. Obrigada pela sua paciência…*»

— Como está a minha Rosie hoje? — A voz apanha-me de surpresa, firme e familiar. Segura.

Enfio rapidamente o telemóvel no bolso do casaco. Um poço escuro a transbordar de culpa forma-se no meu estômago quando o meu pai passa por mim, beijando-me levemente a cabeça. Ele está a usar o seu corta-vento azul-real com TREINADOR escrito nas costas.

O Shane Kilner é o melhor treinador de hóquei que a Universidade de Dalton jamais viu, tendo levado a nossa instituição ao maior número de vitórias nas Frozen Four e na ECAC do país.

Mas mais do que isso, é o meu pai. Bem, padrasto, se estivermos a falar de títulos oficiais.

Há sete anos, a minha mãe suspirou de alívio pela primeira vez, depois de ver o marido — o meu pai biológico — atrás das grades. Passou o ano seguinte a reencontrar-se. O facto de o Shane ter estado sempre lá para ela ajudou bastante. Conheciam-se desde os tempos do secundário e tinham retomado o contacto, e foi no dia do casamento deles, há cinco anos, que ele perguntou se me podia adotar.

Desde então, tem sido o «pai». Eu sempre fui a sua Rosie.

— Viva — murmuro, ainda cansada por ter ficado acordada até tarde a organizar o meu quarto na residência universitária. Até montei uma mini-árvore de Natal, incluindo enfeites e uma estrela no topo.

Partilho um apartamento com a minha melhor amiga e estrela da patinagem artística, a Sierra Romanova. No ano passado, ela lesionou-se durante uma competição e a recuperação foi longa e árdua. Passei o ano letivo fora do *campus*, a ter aulas *online* para poder estar ao lado dela no hospital.

Agora estamos finalmente de volta, e nem os chuveiros comunitários nojentos da Iona House nos podem impedir de fazer com que este ano seja melhor que o anterior.

A porta das traseiras abre com um rangido, e a minha mãe entra após a sua corrida matinal. O pai já está à espera com o café dela preparado, como se soubesse, de alguma forma, o segundo exato em que ela ia entrar pela porta.

Ele não perde um segundo e puxa-a para os seus braços.

— Estou toda suada, Shane! — queixa-se ela.

— Quando é que eu me importei com isso? — murmura-lhe ao ouvido.

O som do risinho dela faz com que se forme um sorriso no meu rosto. A minha mãe nunca foi uma pessoa matinal. Quando eu era mais nova, as nossas manhãs eram silenciosas e tensas, uma correria para nos vestirmos e sairmos porta fora antes que o Victor acordasse e começasse mais uma discussão.

Como tal, embora esteja agora à minha frente, eu não cresci com isto. Cresci com a verdade dura de que as pessoas que dizem que te amam também podem ser as que mais te magoam.

— Entusiasmada com o teu primeiro dia como finalista, *anak*? — A minha mãe dirige-se a mim, beija-me a testa e acaricia as minhas orelhas com os polegares antes de se sentar no banco alto ao meu lado.

A Marielle Dionio-Kilner é uma mãe fixe. Foi a estudante de arte pródiga em todas as escolas que frequentou, desde as Filipinas até à América, captando o interesse de revistas e estúdios de arte desde os doze anos. Depois, aos vinte, conheceu o Victor Hall, o recetor da equipa de futebol americano da universidade de ambos.

Foi nesse ano que as suas vidas deram para o torto. A minha mãe engravidou de mim e o Victor rompeu o tendão de Aquiles a poucos dias do evento de recrutamento da NFL. Tiveram muito azar, mas eu nunca o senti, não até ela não conseguir mais escondê-lo de mim.

A minha mãe dá um gole no café e, como um relógio, empurra o seu *pandesal* meio comido na minha direção. Eu já estou a pegar no prato, antecipando os movimentos dela como sempre fiz.

— Sim. Já comecei as minhas leituras e tenho dois trabalhos grandes para entregar este mês antes de poder dedicar mais horas ao abrigo.

Sou oficialmente uma finalista, o que significa que esta é a minha última oportunidade. Chega de trocar de licenciatura à última hora. Chega de me esconder em quartos de hospital para evitar regressar ao *campus* e enfrentar o caos que provoquei.

A expressão no rosto da minha mãe contorce-se de preocupação.

— Também devias divertir-te, Scarlett.

— A tua mãe tem razão. Vais ter saudades dos teus dias de faculdade — acrescenta o meu pai, bebendo o seu café da caneca que lhe ofereci num Natal passado. Diz MELHOR PAI DE SEMPRE. NÃO É PRECISO ADN.

Quando desço do banco para lavar a minha tigela na banca, estão ambos a observar-me.

— Posso divertir-me depois de terminar o curso. Explorar outro sítio que não o Connecticut. — Mesmo quando as palavras me saem da boca, hesito.

Os meus pais não ficaram particularmente entusiasmados quando lhes disse que queria mudar-me depois da formatura. Para eles, parecia que eu estava a fugir. Para mim, parecia liberdade, como se estivesse finalmente a estabelecer um prazo final para tudo aquilo que me magoa aqui. Talvez tenha sido por isso que me descontrolei um pouco naqueles dois primeiros anos da faculdade, em busca de distrações em todo o lado em que as pudesse encontrar. Não me arrependo, pelo menos não de tudo. Mas Hartford tem demasiados fantasmas. Cada passadeira, cada poste de iluminação, tem uma memória lá gravada. Até uma ida ao hipermercado parece uma caminhada pelos destroços do que costumava ser.

Não é a memória do Victor a ficar frustrado com a minha mãe e a deixar-nos para trás no meio da loja, obrigando-nos a apanhar um táxi para casa. São as boas memórias que mais magoam. Aquela vez em que me sentei no colo dele enquanto me deixava guiar a carrinha no parque de estacionamento vazio. A tarde em que sangrei do nariz e ele passou o resto do dia com a mão fria encostada à minha testa.

Aquela menina, que viu aquela versão do Victor e acredita que ele ainda é capaz de ser aquele homem, é ela que o quer ver de novo.

— Até parece que gostas do primeiro dia de regresso aos treinos, pai. Ouvi-te a queixares-te da equipa ontem à noite. — Lanço-lhe um olhar conhecedor.

— Isso é porque tenho de lidar com um bando de rapazes que só pensaram em mulheres e cerveja o verão todo.

Dirijo-me a ele e dou-lhe uma palmadinha no braço.

— Oh, vá lá, não é assim tão mau. Ainda assim consegues levá-los às Frozen Four.

— Mas agora as minhas estrelas finalistas já se foram, por isso só me restam os caloiros e duas belas peças demasiado grandes e cheios de truques na manga.

Já fui a festas com a maioria dos seus jogadores e nenhum deles sabe que sou a filha do treinador. É um segredo fácil de manter quando ninguém consegue olhar para mim e vê-lo no meu rosto, ou quando me conhecem pelo meu nome do meio em vez de Kilner. Ninguém faz perguntas, e eu nunca ofereci respostas.

Criei o meu próprio mundo na Dalton, e agora estou desesperada por destruí-lo.

A minha mãe esfrega as costas do meu pai.

— Estás a ficar todo irritado.

O treinador Kilner — pois quando está assim é mais o treinador de hóquei da 1.ª Divisão da NCAA e menos o meu pai doce e sensível — respira fundo, uma ação que parece mais dolorosa do que relaxante.

— Estou bem, *mahal*. Só falta mais um semestre — murmura ele, pegando nas chaves que estão na taça em cima do balcão. — Queres boleia para o teu grupo de estudo, Rosie?

A minha mão aperta ainda mais o telemóvel, ansiosa por devolver a chamada da prisão, mas isso vai ter de esperar. Aceno rigidamente com a cabeça ao meu pai, o que o faz observar-me por mais um momento, com aquele escrutínio familiar do treinador Kilner estampado no rosto. Não me faz uma única pergunta, nem sequer quando lhe peço que me deixe no Porter's.

Venho aqui desde os dezasseis anos, quando o meu pai parava cá para celebrar com a equipa. Eu lia na sala do *staff* ou tirava fotografias na cabina fotográfica. Agora tornou-se uma tradição.

No interior do Porter's ouve-se o zunido familiar do letreiro de néon que pisca acima e o murmúrio baixinho do ajudante de bar a repor as garrafas atrás do balcão. O Scott, o dono, acena quando me vê.

— Mais uma memória? — pergunta ele.

— Primeiro dia como finalista — respondo.

Esta cabina fotográfica é a minha caixa de memórias pessoal — primeiro dia do secundário, baile de finalistas, último dia de aulas do secundário, e a lista continua.

Enfio-me no banco estreito e fecho bem a cortina. Depois de inserir algumas moedas, a contagem decrescente de três segundos pisca no ecrã e disparam quatro *flashes*. Esta coisa é velha como o caraças, por isso leva uma eternidade a imprimir as fotografias. Enquanto espero, faço *scroll* pelas minhas redes sociais, e vejo fotos do dia das mudanças das novas irmãs da república. Tenho tantas memórias da casa Beta Phi que quase sinto saudades. Quase.

A fotografia sai do dispensador, e é então que reparo nas horas no meu telemóvel.

— Merda!

Enfio a tira de fotos no meu saco e saio porta fora.

Já estou dez minutos atrasada para o meu grupo de estudo. *Odeio* chegar atrasada. Há tanto que pode correr mal quando algo descarrila, e eu não gosto nada, mesmo nada, de surpresas.

2 | KIAN

Salto do meio dos arbustos antes que ela tenha sequer tempo de sair do carro.

A porta do *Altima* cinzento fecha com força e ela sai de lá com pastas e mais pastas, uma mala de computador portátil e uma caneca de café. Tem o telemóvel preso entre a orelha e o ombro enquanto fala.

Depois do nosso treino de hóquei matinal, eu tinha apenas um objetivo em mente: certificar-me de que as minhas cadeiras continuavam confirmadas. Não se dá de bandeja uma cadeira de cinco créditos a alguém com a minha média. Foi uma sorte ter sido aprovada. Os atletas não são uma prioridade, e esses lugares normalmente estão reservados para potenciais alunos de pós-graduação.

— Professora Lai! — Salto para a frente da minha orientadora antes de pensar bem no que estou a fazer.

A Dorris Lai grita tão alto que me faz tapar os ouvidos.

A caneca de café voa da sua mão, as pastas de arquivo que segurava espalham-se pelo chão molhado e a mala do portátil escorrega-lhe do ombro e cai no cimento.

Encolho-me com o som irreparável que sai da mala.

Ela está com a respiração acelerada, a olhar para as manchas de café nas suas calças cinzentas e camisola de malha felpuda preta.

— Sr. Ishida — pronuncia o meu nome com dentes cerrados. — A que devo este prazer?

Às vezes pergunto-me porque é que ela tem tanta aversão à minha presença, mas depois lembro-me do meu ano de caloiro. Estava coberto de espuma de barbear depois de um desafio da semana de receção ao caloiro e embati contra ela enquanto corria pelo passeio a toda a velocidade.

Coço a parte de trás do pescoço, encontrando finalmente o seu olhar duro.

— Preciso de falar consigo sobre o meu registo académico. — Tento ajudá-la a apanhar as suas coisas.

— *Não*. — Ela respira fundo, bem fundo. — Não toque em nada. — Depois, apanha os seus papéis e atira os que estão cobertos de água da chuva e café para o caixote do lixo mais próximo. Em seguida, sigo-a até ao seu gabinete.

— Eu levo-lhe isso à lavandaria — ofereço. — Ou lavo à mão. Sou ótimo a lavar roupa. Pode perguntar ao treinador.

Ela senta-se à secretária e faz um gesto para que eu me sente.

— Isso não será necessário. Está aqui por causa dos créditos que lhe faltam? Recebi todos os seus *e-mails* frenéticos da semana passada, os *oito*. Ia contactá-lo.

Sento-me em cima da secretária, mas o olhar que ela me lança obriga-me a sentar na cadeira de plástico.

— Mas eu tenho de ter a certeza de que consegui lugar em Estatística Avançada. Recebi um *e-mail* a dizer que mesmo que fosse aprovado durante a seleção das cadeiras, está sujeito a alterações a favor de estudantes prioritários.

Ela soergue uma sobrancelha, teclando no computador.

— Isso é porque se trata de uma cadeira avançada, de nível finalista. Não é uma cadeira de opção. Há uma razão para ser uma cadeira de cinco créditos.

— Precisamente. Juntamente com as minhas opções, é a quantidade exata de que necessito para terminar o curso.

— Sr. Ishida, você não precisa de Estatística Avançada. A sua média já é o valor mínimo necessário para o hóquei, e já tem uma carreira à sua frente. Há muitos atletas que passam pelo meu gabinete a saber que estão aqui apenas até serem convocados.

Estou a tentar perceber por que razão a minha orientadora me está a orientar *contra* a vida académica. Provavelmente, o meu estatuto de superfinalista não ajuda a inspirar confiança.

Mesmo durante o treino desta manhã, o treinador Kilner fez-nos suar até nos desfazermos em papa. Tenho a certeza de que o homem estava à espera de se livrar de nós no semestre passado. Mas tivemos de rodar a liderança, o que significa um novo capitão e atualização das linhas. O Dylan Donovan, o meu melhor amigo, recebeu a maioria dos votos e não ficou nada contente. Ficou ainda mais furioso quando descobriu que votei nele. Era para ser uma piada inofensiva.

O Dylan prefere viver pelas suas próprias regras, sem ter alguém a segui-lo. Agora, olham todos para ele à procura de liderança.

A Dorris fita-me com irritação, mas não é nada a que eu já não esteja habituado.

— Então está a dizer-me que eu deveria deixar a minha licenciatura incompleta, Dorris?

— Tem essa opção, sim.

Pode ter que ver com as três cadeiras a que chumbei no meu segundo ano, ou as cadeiras de opção a que nunca me dei ao trabalho de assistir, mas hoje estava à espera de um pouco de encorajamento por parte da mulher.

— Não posso fazer isso, tenho de passar às cadeiras. — Tenho de *acabar o curso*.

Pensei que estava no caminho certo para o fazer, até termos recebido as notas finais no semestre passado. O plano era eu e o Dylan sermos convocados antecipadamente para a NHL ou acabarmos o curso antes de entrarmos na liga. Mas fomos convocados para Nova Iorque apenas este verão, o que significa que ainda temos até janeiro para terminar o curso. Percebi, de repente, que ia conseguir realizar o sonho de toda a minha vida de jogar hóquei profissional… apenas para perder o do meu pai ao não me licenciar antes de sair da Dalton.

— Ainda pode ir à cerimónia de formatura, se é isso que o preocupa — oferece ela.

Não é isso que me preocupa.

Há quatro anos, recebi a pior chamada da minha vida. O meu pai morreu e tive de apanhar o voo seguinte para o Japão para ir ao funeral. Seis meses antes, ele fora diagnosticado com cancro do pulmão em estágio IV e ninguém me contou.

Todo aquele ano é uma névoa para mim, e prefiro que assim permaneça, pois não me sentia eu mesmo. Os meus amigos notaram, mas para todos os outros eu estava a lidar muito bem com tudo. A lidar muito bem. Que piada.

— Não tem que ver com isso. — Não que haja alguém para testemunhar esse meu sucesso. — Quero terminar o curso.

Ela bufa antes de se virar de novo para o computador.

— Tem a certeza de que se quer inscrever numa cadeira de cinco créditos no seu último semestre? De Psicologia? É arriscar muito.

— Confie em mim, tenho tudo sob controlo. O meu grupo de estudo começa dentro de uma hora, e a rapariga que o lidera é tipo um megagénio. Assim que a convencer a dar-me explicações, estou safo. E cortei nas festas. Cheguei a casa às, tipo, duas da manhã ontem à noite… ou esta manhã… seja como for, estou praticamente a viver como um estudante do quadro de honra.

Ela não fica impressionada.

— Já ouviu falar no Professor Dunn?

Os meus olhos quase me saltam das órbitas. O Professor Dunn devia ter-se reformado, tipo, há dez anos. O homem é o pior pesadelo de todos os estudantes de psicologia. No ano passado, tirou um ano sabático, e todos celebraram. O seu substituto é a razão para eu não estar preocupado com a cadeira. Mas se ele estiver de volta, estou tramado.

— Pela sua expressão facial, presumo que sim. Por isso, pergunto mais uma vez, Kian. Tem a certeza?

Não preciso de pensar mais no assunto. Era o único desejo do meu pai quando me mandou para cá.

— Sim.

Ela suspira.

— Com base no seu histórico académico, eu normalmente desencorajaria esse otimismo súbito ao escolher uma cadeira tão intensiva, mas quem sou eu para o afastar da educação?

Endireito a minha postura.

— Então, posso manter este horário e, ainda assim, cumprir todos os meus requisitos?

— Sim, se…

— Quando.

— … terminar a cadeira com uma média de pelo menos 12 a 13 valores.

Pego no horário das aulas acabado de imprimir.

— Vou deixá-la orgulhosa, Dor.

***

Patrulha dos Coelhinhos

Cole: *Enviou uma imagem* Com camisa ou sem camisa para hoje à noite?

Dylan: Desde quando é que tens *piercings* nos mamilos?

Sebastian: E onde podemos fazer uns?

Aiden: Acho que já fomos atacados por agulhas suficientes nesta casa.

Eli: Concordo.

Kian: Eu não.

Dylan: O teu corpo tem tanta tinta que mal consigo ver a pele.

Kian: Tens andado a olhar para o meu corpinho, Dill?

Dylan: Quem te dera, Ishida.

Estou a rir-me para o meu telemóvel quando este apita com o lembrete para o meu grupo de estudo.

A bibliotecária olha para mim quando passo pelo torniquete, o seu olhar a percorrer os meus braços tatuados.

— Posso ajudar? — pergunta ela num tom seco.

— Espero que sim. — Encosto-me à sua secretária, passando os dedos pelo livro que ela estava a ler. — Mas ia sentir-me mal por te afastar do teu tempo de leitura. Esse é um livro fantástico.

Ela inclina a cabeça para trás.

— Já o leste?

— Duas vezes. O capítulo dezanove é o meu preferido.

O rosto da bibliotecária começa a ficar corado. Alice, leio na placa com o seu nome.

— O que o trouxe à biblioteca, Sr. Ishida?

É claro que ela já sabe quem sou. Nos últimos quatro anos na Dalton, posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que estive nesta biblioteca.

— Chama-me Kian. — Atiro-lhe um sorriso. — É o meu primeiro dia no grupo de estudo. Deseja-me sorte, Al.

O grupo está numa mesa afastada, com um cartaz que diz GRUPO DE ESTUDO DE FINALISTAS numa caligrafia arredondada. Há um pequeno coração de papel colado ao canto, e não me escapa o *glitter*. Considero a atenção aos pormenores um bom sinal, pois se há alguém que me pode ajudar a tirar boa nota nesta cadeira, vão ser os marrões que encontram o seu propósito em ajudar os menos academicamente dotados.

Estão todos a olhar fixamente para mim quando me sento, e então um tipo sobressalta-se ao reconhecer-me.

— Ishida? Mas que raio estás aqui a fazer? Pensei que tu e o Donovan tinham sido convocados.

— Começamos em janeiro. Vamos acabar os cursos.

— Meu, se fosse eu, saía daqui ainda antes de a tinta do contrato secar.

Toda a gente fica confusa por ter escolhido ficar e terminar o curso, especialmente tendo em conta o dinheiro que vou receber com o meu contrato da NHL. Mas eles não vão compreender, e eu não me dou ao trabalho de explicar.

Olho em volta — onze rostos. Exatamente o que contei na folha de inscrição. Procuro o alegado génio e identifico-a imediatamente: *post-its*, manual e portátil todos alinhados e já a tirar apontamentos. Bingo.

— Então, vamos começar? — pergunto. Há um tipo ao lado dela, provavelmente o namorado, a julgar pela forma como a observa, mas já estou a planear enfiar a minha cadeira entre os dois quando um pedido de desculpa ofegante flutua até à mesa e uma rapariga tropeça ao meu lado. O seu cabelo vermelho espalha-se pelos ombros, as madeixas soltas iluminadas pela luz do Sol que se infiltra pelas janelas da

biblioteca, como um halo cor-de-rosa. Os olhos castanhos percorrem nervosamente a mesa enquanto pastas e livros lhe escorregam dos braços e aterram com um baque sonoro.

Quando ela ajeita os óculos grossos de armação transparente no nariz, as sobrancelhas franzem com uma leve frustração, como se ela se tivesse esquecido de que os tinha posto. Uma lufada de aroma cítrico e cabelos cor de cereja cobrem a minha visão. É difícil não ficar a olhar enquanto prende o cabelo com uma mola, algumas madeixas soltando-se e emoldurando-lhe o rosto em contornos ondulantes. Juro conseguir ver um lampejo de tinta nas suas mãos antes de ela puxar as mangas da camisola para as cobrir.

— Peço imensa desculpa pelo atraso! Juro que não é um hábito — diz ela.

Onze cabeças assentem.

— Não precisas de pedir desculpa. Já te conhecemos há tempo suficiente para saber que nunca te atrasas — diz uma delas.

Cai-me a ficha e percebo que me enganei sobre o facto de a outra rapariga ser o génio. É ela. *Ela* é a arma académica.

Levanto-me de repente, batendo com o joelho na mesa.

— Olá, eu sou o Kian. Tu deves ser a mulher do momento. — Sorrio, tentando equilibrar o facto de ser muito mais alto do que ela. Ela deve ter um metro e cinquenta e oito ou um metro e sessenta, no máximo.

O olhar dela fixa-se no meu, primeiro com surpresa, depois mudando para algo mais parecido com horror silencioso.

Bem, essa é uma reação que nunca recebi de uma mulher. Entusiasmo, riso, provocação, certamente. Mas horror? Nunca na vida.

— Scarlett — diz ela baixinho, sem me apertar a mão e, em vez disso, virando o rosto para analisar a folha de inscrição.

Inclino-me e bato levemente no fundo da página onde escrevi o meu nome na semana passada.

— Está mesmo aqui.

— Eu… eu não devo ter reparado. Não trouxe cópias suficientes do nosso horário.

Toco levemente com o cotovelo no braço dela.

— Não faz mal. Eu dou uma espreitadela no teu.

Ela entesa-se e arrependo-me imediatamente do toque. Esqueço-me de que nem toda a gente é como eu. Tinha a minha mãe e a minha irmã, o que me fazia sentir como se tivesse duas mães, e o meu pai. Ele era a pessoa mais afetuosa do planeta.

A Scarlett senta-se e eu faço o mesmo. Está perto o suficiente para eu ter cuidado em não tocar com o joelho no dela. O seu doce aroma cítrico enche o ar à sua volta.

Ela distribui os papéis pelo grupo.

— A maioria de vocês já me conhece do nosso grupo de estudo *online* do semestre passado, mas eu sou a Scarlett. Estou no meu último ano, a terminar o curso de Serviço Social, mas fiz várias cadeiras de Biologia e Matemática quando estava em Pré-Medicina.

A Scarlett olha de novo para mim.

— Este grupo tem como objetivo manter-nos na linha e ser um apoio colaborativo enquanto trabalhamos arduamente ao longo do semestre. Não são explicações…

— Não são? — atiro, incrédulo.

— Não — diz ela, sem olhar para mim. — Se algum de vocês precisar de um explicador, pode dirigir-se ao centro de apoio ao estudante. Seja como for, vamos reunir-nos aqui todas as quintas para rever os vossos trabalhos.

— Mas a folha de inscrição dizia que isto era para finalistas com uma carga letiva intensa. Pensei que seria mais do que uma vez por semana — digo.

Ela vira-se para mim.

— É uma vez por semana em regime presencial. Temos sessões assíncronas ao longo da semana.

— Vais estar presente?

A Scarlet entesa-se.

— Na maior parte, sim. Mas vamos trabalhar juntos como um grupo colaborativo e ajudar quem estiver a ter dificuldades com a matéria.

— A sério que não dás explicações?

— Costumava dar, mas já não dou.

Isto não pode estar a acontecer.

— Porque não? Não és, tipo, a melhor?

Esperava que ela corasse, que talvez ficasse tão encantada comigo que concordasse. Mas esta rapariga não cede.

— Não tenho tempo — diz ela.

— Posso pagar — ofereço.

Ela pestaneja várias vezes, claramente apanhada desprevenida. Ou talvez a considerar a hipótese…

— O teu dinheiro do hóquei não vai, por magia, conseguir tempo no meu horário. — Mal as palavras lhe saem da boca, ela tapa-a com a palma da mão, com o rosto quase tão vermelho quanto o cabelo. Muito bem, então *não* estava a considerar a hipótese. — Desculpa… aquilo saiu-me mal. Não preciso do teu dinheiro. Já não dou explicações.

Dinheiro do hóquei? Não estava à espera de que esta rapariga soubesse muito sobre hóquei — caraças, nem sequer pensei que ela me tivesse reconhecido.

— És fã de hóquei? Posso arranjar-te lugares perto do rinque. Talvez um pequeno encontro exclusivo com os jogadores…

Ela olha para mim como se eu lhe tivesse dado uma bofetada, e o rubor que eu ansiava anteriormente apenas lhe cobre o rosto com uma cor mais profunda de… embaraço? Estou a estragar tudo.

— Não preciso de subornos. Não estou disponível.

Controla-te, idiota.

— Eu não estava… Merda, desculpa. É que preciso mesmo de me sair bem.

A expressão no rosto dela suaviza.

— Queres que te arranje um explicador, Kian? Pois não sei se este grupo é o certo para ti.

É tão bem-educada que mal registo a rejeição. É o primeiro dia e já consegui ser expulso do grupo de estudo. É um novo recorde para mim.

— Não, não. Isto é ótimo. Uma vez por semana é perfeito. — Não menciono que estou banido do centro de apoio ao estudante desde o primeiro ano.

Corres pelo *campus* todo nu *uma* vez e as pessoas tratam-te como um criminoso. Embora não tenha ajudado o facto de eu ter convidado os explicadores para a nossa festa e eles terem ficado tão bêbedos que todas as sessões de explicações do dia seguinte tiveram de ser canceladas.

A Scarlett revê as datas dos exames e das férias.

— E temos um *chat* de grupo, por isso…

— Eu não estou nesse *chat*.

Ela franze as sobrancelhas ao ouvir a acusação na minha voz.

— Adiciono-te mais tarde.

— Porque não agora? — Aponto para o telemóvel dela em cima da mesa. Não sou grande fã de *chats* de grupo, principalmente daqueles que os rapazes criam sem mim.

Ela suspira, passando-me o telemóvel para eu inserir o meu número, e o meu telemóvel apita. Os meus ombros relaxam.

— Hoje vamos estudar durante algumas horas e, se alguém tiver dúvidas, basta perguntar.

— Quantas horas, exatamente? Prometi a um amigo que me encontraria com ele mais tarde…

Ela lança-me um olhar fulminante. Quase. Nem sequer acho que ela conseguiria olhar furiosamente para alguém com aqueles olhos castanhos meigos.

— Estou a brincar! Estou ótimo. Isto é ótimo. — Viro-me, enviando uma mensagem ao Dylan.

Ele e eu prometemos um ao outro que não íamos a mais festas. Mas depois recebi a mensagem da república Beta Phi, e ele estava chateado com aquela coisa toda de ser capitão, por isso fazia todo o sentido irmos.

Que mal haveria em ir a uma festa?

3 | KIAN

Estou a portar-me muito bem. Mais ou menos.

Deveria estar numa festa néon quando estou oficialmente condenado em Estatística? Provavelmente não. Mas só passaram quatro minutos desde que entrei na Beta Phi e já estou manchado de tinta fluorescente e encharcado em álcool. Não há nada melhor do que isto.

O Dylan olha para mim com um ar furioso sob as luzes néon, de tronco nu, tal como eu, e coberto de impressões de mãos, com as calças de ganga descaídas.

— Estás a divertir-te? — pergunto.

Ele mostra-me o dedo do meio e segue pelo corredor. Normalmente, ele não é tão desmancha-prazeres, mas a cena de ser capitão perturbou-o mesmo. Não compreendo porquê, pois ele é perfeitamente capaz de liderar a equipa. Devia estar feliz.

Não consigo ir atrás dele porque a Crystal Yang, uma rapariga da república, me puxa para outra divisão. Quando o resto das raparigas me vê, festejam e enfiam pulseiras da amizade no meu pulso. Tenho uma excelente relação com as irmãs da Beta Phi desde que as ajudei numa lavagem de carros e angariei dinheiro suficiente para financiar o baile formal de outono delas.

— Barril? — pergunta-me a Crystal, arrastando-me para a sala de estar. Ela diz-me que vamos jogar Jenga mais tarde, apontando para os rapazes que carregam blocos de madeira gigantes para o alpendre.

Mas eu estou a olhar para a rapariga que está a fazer o pino no barril de cerveja. A Cassidy Carter. Cabelo loiro, olhos azuis, e irmã gémea do meu colega de equipa, o Cole.

Há alguns semestres, a Cassie e eu passámos muito tempo juntos. Eu classificá-lo-ia de namoro, mas ela deixou bastante claro que não era o caso. Não muito tempo depois de termos começado a nossa «situação», fomos juntos a uma festa antes de um jogo, onde a Julia Romero, uma patinadora artística, entrou em cena. A Cassie apresentou-me, entusiasmada, como um amigo, e depois beijou a Julia mesmo à minha frente. Foi apenas então, como um perfeito idiota, que percebi que a Cassie não estava tão interessada quanto eu.

Não fizemos sexo, embora os meus amigos parecessem pensar que sim, por me ter sentido tão em baixo quando a nossa relação se evaporou. Estava mais incomodado por não ter percebido todos os sinais.

Mas uma faísca de ciúmes acende-se dentro de mim quando a Julia aparece atrás da Cassie. A faísca viaja pelo meu corpo de forma quase imperceptível, e depois tudo de uma vez.

Eu não tenho ciúmes. O ciúme é verde, zangado e cheio de ressentimento, mas nenhum desses sentimentos vem à tona. É mais profundo do que isso. Algo que nada tem que ver com a rapariga. Como se, mais uma vez, não fosse eu, e nunca tivesse sido.

— Ishida! Cerveja? — pergunta a Cassie, passando-me o seu copo e atirando outro à Julia para que esta o encha. A Cassie não parece ter nenhum problema em me lançar um sorriso radiante. Passámos bons momentos juntos. Eu sei que sim, e ela assim mo disse várias vezes. Mas não consigo esquecer que, o que quer que tenhamos tido, não foi suficiente para ela. Não fizemos sexo. Não consigo fazê-lo sem estar completamente envolvido numa relação.

Enquanto crescia, vi como os meus pais se comportavam, e é isso que quero para mim. Os meus amigos estão em relações que os preenchem. Isso torna mais difícil justificar uma relação que seja apressada, confusa, ou fundada na conveniência.

Ergo o meu copo, deixando-a servir-me a cerveja.

— Como tens estado? Tiveste umas boas férias de verão? — A minha voz não parece a minha. Com todos os outros, sou sempre completamente eu próprio, mas com ela, sou desarticulado e inibido.

— Muito divertidas! A Julia e eu ficámos na casa da família dela em Calabasas. — O olhar dela desvia-se de novo para a Julia, que a observa com um leve sorriso no rosto.

Porque estou aqui?

— Fico contente por te teres divertido — digo, afastando-me.

Os meus sentimentos pela Cassie ficaram tão confusos, tão distorcidos, que já nem sei o que quero. Durante todo este ano, tenho visto a minha vida a entrar numa contagem decrescente inevitável. O Aiden e o Eli já se foram embora, e eu e o Dylan vamos acabar o curso em breve. Toda a gente está a seguir em frente e, no entanto, sinto que estou a tentar parar os ponteiros do relógio.

Quando chego à cozinha, vejo o Dylan, que faz um gesto a indicar que se vai embora.

— Nãooooo — digo. — Não te vás embora. Vamos jogar Jenga bêbedos. — O efeito do álcool no meu corpo torna-se óbvio agora que ele está a olhar para mim com olhos sóbrios, a apontar para a saída.

Assim que ele sai, vejo-me apanhado no meio de um moche improvisado na cozinha quando a música *Mr. Brightside* começa a tocar a todo o volume nas colunas. Não sei bem o que acontece naqueles dez minutos em que gritamos para tocarem a música outra vez, mas no final estou todo suado e com a cabeça nas nuvens.

Abro caminho até à banca, mas paro abruptamente.

Cabelo vermelho. Uma mistura escura de vermelho cereja e bordô. A minha explicadora.

Não é a tua explicadora.

Ela está junto à banca, a esfregar qualquer coisa entre as mãos, enchendo a bacia de metal com bolhas brancas de sabão.

Saio da minha hiperfixação pelo cabelo dela quando um tipo lhe pega no cotovelo, com os dedos a cravarem-se na pele coberta de tatuagens. Na biblioteca, ela vestia uma camisola de manga comprida, abotoada até ao pescoço e sem sinal de tinta, exceto o vislumbre que

pensei ter visto. Mas agora, dou por mim a traçar todas elas com o olhar. Um pássaro, uma cobra vermelha e um lótus branco.

— Não.

A palavra atrai a minha atenção para os lábios dela. Não o disse muito alto, foi quase um sussurro, mas qualquer idiota poderia perceber, só pela sua linguagem corporal, que ela não está interessada no que quer que seja que o tipo acabou de lhe sussurrar ao ouvido.

De imediato, algo se mistura com o ácido do meu estômago. Algo que aperta e que não se quer desenrolar até me puxar diretamente para onde os meus olhos fulminam o parvalhão que está a tocar numa rapariga que lhe disse que não.

4 | SCARLETT

Isto só pode ser um mau presságio. É a primeira festa do semestre e estou coberta de cerveja.

Depois de um tipo ter esbarrado contra mim, entornando-me a cerveja na blusa, pensei em desistir e fingir que este semestre não existia. Tive um bom percurso. Talvez tenha chegado a hora de me reformar completamente das festas universitárias.

Mas então vi a Sierra ao meu lado, a olhar de um lado para o outro e de punhos cerrados. Eu sou a razão de ela estar aqui. Fui eu quem jurou que as pessoas tinham seguido em frente. Mas agora não consigo perceber em quem os olhares estão focados, nela ou em mim. Na Sierra, cuja queda quase fatal a pôs no banco durante um ano e cujo par se pirou logo a seguir. Ou em mim, com a reputação brilhante de ter dormido com metade dos tipos nesta casa.

Dois escândalos bastante diferentes. Um público bastante cativado.

Tudo isso não seria um problema, se não tivesse perdido a Sierra. Quando entrei na casa para limpar a cerveja peganhenta que me cobria o torso e fazia com que a minha blusa parecesse transparente, não reparei que ela não vinha atrás de mim. O tipo que esbarrou contra mim e provocou esta confusão nem se deu ao trabalho de olhar para trás, simplesmente saiu a correr em direção ao quintal das traseiras.

Como tal, estou agora junto à banca da cozinha, a afastar a blusa do peito, quando uma rapariga da república repara na minha situação e

me arranja uma camisola para substituir a minha. Até me trouxe uma vodca com sumo de arando.

Mas com as coisas a correr tão bem, era apenas uma questão de tempo até que aparecesse um parvalhão qualquer para arruinar o meu sossego. Tentei ignorá-lo, dando-lhe respostas monossilábicas, mas quanto mais ele se aproxima, mais tensa eu fico. Ele agarra-me no braço com tanta força que tenho a certeza de que vou ficar com pisaduras, e só consigo pensar em dar-lhe uma joelhada nas partes baixas.

Ainda assim, a vontade de fazer o que quero permanece enterrada sob a necessidade de parecer bem-educada. É como estar presa num exercício de improvisação sem fim, forçada a repetir «Sim, e…» até à eternidade.

— Há quanto tempo — diz ele, e o meu coração afunda-se no ácido do meu estômago.

Não reconheço a voz, mas conheço a insinuação que esta carrega. Aquilo que evitei a noite toda está agora tão perto, com a sua pele suada encostada ao meu braço.

Engulo em seco.

— Ai sim?

Ele ri-se.

— Talvez se olhasses para mim, soubesses quem sou. Aposto que é difícil lembrares-te de todos.

Não reajas.

Olho para ele de soslaio, com as mãos ainda sob a água morna que corre da torneira. Ele está a olhar para mim com olhos cinzentos semicerrados e um sorriso embriagado nos lábios.

Inclina-se para mim e eu deixo. Pois, aparentemente, o meu cérebro perde todos os pensamentos coerentes quando deparo com qualquer tipo de confronto, especialmente relacionado com o meu passado.

— Mandei-te mensagem. Eu nunca mando mensagem primeiro.

Deem um prémio a este homem.

A sua outra mão invade o meu espaço, os dedos a enrolarem-se numa madeixa do meu cabelo, torcendo-a lentamente. De forma possessiva. O meu estômago começa a dar voltas.

Já mudei a cor do meu cabelo muitas vezes. Mas desde que cheguei à Dalton, fiquei-me pela que mais tinha que ver comigo. As tatuagens, o cabelo, os *piercings*, tudo isto me faz sentir mais eu própria. Sempre segui as regras durante a minha infância, por isso, quando fiz dezoito anos, quis quebrá-las.

Mas aconteceram muitas coisas no ano passado, nomeadamente o acidente da minha melhor amiga.

Depois disso, a adrenalina dos engates de uma noite esmoreceu. A distração desvaneceu. Não conseguia ir para casa e enfrentar o meu pai. Ele sempre fora um companheiro fiel e carinhoso com a minha mãe, mas só de pensar em alguém ser assim comigo já me deixava enjoada. Assim, desisti daquilo tudo e parei de responder a estes tipos — embora isso não tenha sido difícil quando saí da república e comecei a ter aulas *online*.

Não quero ser lembrada por nada disso. Quero ser lembrada por quem sou. Pelas coisas que são importantes para mim. Não pelo meu corpo.

— Estás a fazer aquilo outra vez — diz ele. — A pensar demais.

Ele di-lo como se me conhecesse, e eu odeio isso.

Continuo sem me lembrar do nome dele e, por alguma razão, isso afeta-me mais do que eu esperava. Ao longo de todo este ano, convenci-me de que não era assim tão mau. Mas a realidade assenta sobre mim, esmagando-me como um bloco de cimento.

— Vais ficar aí especada? — A voz dele transborda irritação. — Não estavas assim tão calada com a minha pila na tua boca.

As minhas faces começam a arder, o calor a percorrer-me a pele como vergonha a desabrochar a cores. Amaldiçoo-me por não escolher homens melhores com quem ter sexo. Mas, desta forma, nunca me prolonguei, nunca descobri qual a sensação de ser abraçada por uns momentos depois do ato.

Olho em volta e vejo algumas pessoas a olhar para nós, a observar este idiota bêbedo a expor a minha vida em público. Mais do que já está. Nem sequer se trata do sexo ou da obsessão pelo número de parceiros; é por pensarem que lhes devo alguma coisa porque a ofereci

uma vez. Como se eu lhes tivesse dado algum tipo de consentimento perpétuo.

— Ouve, peço desculpa por não ter mandado mensagem, mas agora só quero concentrar-me nos estudos. — Não consigo manter contacto visual com ele, e isso deixa-me ainda mais zangada comigo mesma.

Ele ri-se com desdém.

— Desde quando é que és tão púdica? Olha para mim.

E eu, estupidamente, olho.

— Tão obediente — murmura ele, e as palavras infiltram-se na minha pele como óleo. — Vamos lá para cima.

Ouve-se um rugido de gargalhadas vindo da sala de estar quando um par de tipos de uma república entram, a esguichar álcool para bocas abertas com bisnagas. É então que *o* vejo.

O Kian Ishida, a abrir outra lata de cerveja, de cabeça inclinada para trás enquanto a bebe de golada. Sem pensar, sinto um frémito nos cantos dos meus próprios lábios.

Depois sinto um toque a descer pelo meu braço, lento e sedutor.

— Tens um fraquinho por ele ou assim? Ele pode juntar-se a nós.

O meu corpo fica paralisado. A nossa interação no grupo de estudo não me sai da cabeça há horas. Se tivesse visto o nome dele naquela folha de inscrição, teria cancelado tudo.

O Kian Ishida não é o típico rapaz universitário. Não é apenas um jogador de hóquei, nem sequer um festeiro. É bondoso e bem-educado, com uma reputação impecável. Está sempre a ouvir atentamente quando alguém fala. Tem tatuagens no corpo que eu gostaria de copiar, se isso não fizesse de mim uma completa pervertida. O gosto musical dele é incrível. Tenho quase a certeza de que já o vi ler todo o tipo de livros. Incluindo romances. O tipo é eclético, e já vi a forma como as pessoas se juntam à sua volta. *Eu* quis juntar-me a ele.

O fraquinho estúpido que tenho por ele começou há quatro anos durante uma festa de caloiros. Tivemos uma breve conversa — algo sobre a *T-shirt* de uma banda que ele tinha vestida — antes de os amigos o chamarem. Mas nunca me tinha sentido assim antes, como se durante aqueles dez minutos eu fosse a pessoa mais importante na sala para ele. Pois é isso que o Kian faz: ilumina todos aqueles que conhece.

Abano a cabeça.

— N-não. Não quero isso.

— Não finjas que não gostaste da última vez.

É então que me lembro de quem ele é.

Mac McCormack. Ponta de linha ofensiva da equipa de futebol americano. A única coisa que a recordação daquela noite faz é fazer-me rir de quão patético tudo isto é. Sou mesmo idiota.

Pensei que poderia regressar ao *campus* e ser quem eu quisesse ser. Mas ela está ali, aquela minha antiga versão, a olhar para mim, com um sorrisinho presunçoso no rosto enquanto se agarra a mim como uma lapa.

As lágrimas turvam a minha visão antes que as possa travar e, mal o Mac as vê, a expressão dele ensombra, torcendo-se em algo mais cruel. Também me lembro disso acerca dele.

— Como é possível que alguém tão confiante na cama seja tão tímida aqui? — pergunta ele.

Endireito um pouco as costas.

— Não sou tímida. Apenas prefiro manter privada a minha vida pessoal.

Ele ri-se pelo nariz.

— Deste cabo disso assim que te envolveste com a equipa de futebol americano inteira.

— Isso… — Paro. Não fiz tal coisa. Foi um rumor começado pelo defesa quando o rejeitei. Mas quando se é uma rapariga como eu, os pormenores não interessam.

Há tanta coisa que eu deveria fazer agora mesmo. Repreendê-lo. Virar costas. Encontrar a Sierra. Qualquer coisa exceto ficar aqui parada.

Consigo apenas travar as minhas lágrimas piscando lentamente os olhos.

— Não chores, porra, senão fazes-me parecer um parvalhão. És tu a rameira…

— McCormack. — Uma voz grave ressoa no espaço entre nós.

Sinto o coração a bater nos meus ouvidos. Depois vejo todos os cento e oitenta e oito centímetros do extremo-direito e estrela da Dalton a erguer-se imponente sobre nós.

O Kian Ishida está em tronco nu, com um colar de flores em volta do pescoço, tatuagens à mostra, tinta a cobrir a maior parte do torso e calças de ganga com uma cintura tão baixa que lhe consigo ver o cós dos *boxers*. Mesmo vestido, ele é inevitável. Durante o grupo de estudo, não houve um segundo em que eu não pensasse no facto de ele estar *mesmo* ali.

O Mac solta um suspiro irritado.

— Que queres, Ishida?

— Podes ir buscar-me uma cerveja? — pergunta o Kian.

Ele franze o rosto.

— Porquê?

O Kian encolhe os ombros.

— Porque te pedi.

O McCormack ri-se.

— Estás a gozar comigo? Vai buscar a tua própria cerveja.

— Quero que sejas tu a ir buscá-la — insiste ele. — Ou põe-te a andar.

Ele parece completamente confuso, mas eu também.

— O quê?

— Se vais chamar rameira a uma rapariga, é melhor que não o faças à minha frente — diz o Kian. — Agora sai da porra desta casa.

— Ishida, está tudo bem? — pergunta um tipo de uma república, que observa a interação com ar curioso. Tem uma rapariga da república feminina no braço; a presidente da Beta Phi, apercebo-me.

O Mac larga-me o braço e dá um passo para trás. Lança um olhar fulminante ao Kian e resmunga qualquer coisa entre dentes enquanto se afasta.

— Ei, estás bem? — pergunta o Kian. Di-lo de forma tão meiga que me obriga a travar outra onda de lágrimas. — Aquele tipo foi um parvalhão.

Assinto com a cabeça, pois se falasse, a minha voz iria falhar. Ele deve reparar nisso, porque sorri.

— A propósito, peço desculpa pelo grupo de estudo. Não quis interromper o teu ritmo.

— És novo no grupo, por isso percebo. Desculpa se pareci um pouco cabra.

Ele olha para mim por um minuto antes de falar de novo.

— Queres beber alguma coisa? — pergunta ele e coça a parte de trás do pescoço. — Não faço ideia de como devo agir. É a primeira vez que estou numa festa com a minha explicadora.

— Bem, nesse caso ainda bem que não sou tua explicadora.

— Certo. — Ele acena com a cabeça para si mesmo, e mal consigo conter um sorriso. — E tens a certeza quanto a isso?

Fecho a torneira, desistindo da mancha de cerveja.

— Sim, Kian. Tenho a certeza.

— Precisas de alguma coisa? Eu posso ajudar. Ajudo-te com o que for preciso. Uma mão lava a minha, a outra lava a tua.

— Queres dizer uma mão lava a outra — corrijo automaticamente.

— Boa! Então alinhas? — O sorriso dele alarga ainda mais.

— O quê? Não… Eu estava só… — Paro. — Não preciso da tua ajuda com nada. Bem, a não ser que contes assustar parvalhões.

— Eu consigo fazer isso — diz ele.

— Fazer o quê? — Pestanejo.

— Assustar parvalhões. Sou bom nisso. Acabaste de me ver em ação. — Ele pestaneja inocentemente.

— Isso seria um trabalho a tempo inteiro. Não tenho exatamente a melhor das reputações por estas bandas. Tenho a certeza de que sabes isso.

O Kian inclina-se para mim, mas mantém-se longe o suficiente para não invadir o meu espaço.

— Qual reputação?

Acho que está a fazer-se de burro, ou a ser propositadamente cruel, mas nenhuma dessas hipóteses parece encaixar-se com ele.

— Oh, vá lá, o *Colchão da Universidade*? — A memória daquele nome rasteja pela minha coluna acima, provocando-me um arrepio.

Estávamos no segundo ano quando a Sierra o viu na página de rumores da Dalton. Não ficou lá por muito tempo. Penso que a Sierra ameaçou alguém para que o tirassem de lá. O que foi uma bênção, pois se o meu pai sequer desconfiasse, eu nunca mais teria saído do meu quarto.

— Isso é horrível — diz ele, e quase penso que está a falar do meu passado. — Quem diria uma coisa dessas?

Oh.

— É… não importa. Foi o assunto do momento durante uns cinco minutos.

— Ainda assim. Aqueles parvalhões não têm o direito de falar assim de ti.

Ele é tão sincero que quase me assusta. Nunca ninguém me disse isto — além da Sierra. Era como gritar para o abismo, enquanto os mesmos deuses das repúblicas se tornavam lendas do *campus* por dormirem com raparigas. Eu sabia que as regras não eram equilibradas, mas uma parte ingénua de mim ainda acreditava que isso não se aplicaria aqui.

O Kian oferece-me uma cerveja e eu abano a cabeça. Ele também não pega numa. Encostado ao balcão, acaba por se sentar em cima deste, num movimento natural e descontraído. E ele é tão grande. Preenche o espaço sem sequer tentar fazê-lo.

Olho em volta da festa e percebo que o estou a manter aqui.

— Os teus amigos estão a jogar Jenga.

Ele nem sequer olha na direção deles. A atenção dele assusta-me, e antes que eu consiga inventar uma desculpa para me ir embora, ele diz:

— A propósito, eu fá-lo-ia.

— Farias o quê?

— Repreenderia qualquer parvalhão que se aproximasse de ti. Tu não mereces isso.

Tu não mereces isso.

O meu coração bate contra a minha caixa torácica.

— C-como é que sabes o que eu mereço?

As minhas palavras ficam suspensas ali, mas ele não responde, limita-se a olhar para mim como se aquilo fosse a resposta à minha pergunta.

Ele desliza de cima do balcão e, subitamente, parece-me errado deixá-lo ir embora.

— Então… o quê? — atiro. — Ajudo-te a acabar o curso e tu ajudas-me a livrar-me da minha má reputação? Basta estar perto do Kian Ishida para afastar os tarados?

A cabeça dele vira-se de repente para mim.

— Exatamente.

— Não podes estar a falar a sério. — Não é possível que ele me queira ajudar.

— Estou a falar muito a sério — diz ele. — Pensa no assunto. Vai ter comigo à biblioteca amanhã e podemos falar.

É então que o ouço arrastar a última parte da frase. E aquela faísca minúscula de esperança que se tinha acendido extingue-se completamente. Ele está embriagado.

Que estou a fazer?

Por muito desesperada que esteja por eliminar aquela rapariga, a solução não assume a forma de um jogador de hóquei charmoso, tatuado e com um metro e oitenta e oito de altura. Muito menos um que jogue na equipa do meu *pai*.

Antes que lhe consiga responder, o Kian é puxado para o corredor pelos amigos. É então que vejo a Sierra à minha procura na multidão.

— Si! — Aceno-lhe para que venha ter comigo.

— Onde foste arranjar detergente da roupa e uma camisola nova? — pergunta ela, olhando para o meu novo *top* enquanto se aproxima.

— Eu costumava pertencer à Beta Phi, lembras-te? Onde é que foste? Pensei que vinhas atrás de mim quando entrei.

A Sierra tem um sorriso falso no rosto que não me engana. Sei que encontrou e confrontou o tipo que entornou a cerveja em cima de mim.

— Oh, hum. Eu estava…

— Gritaste com o tipo que veio contra mim, não foi?

A rapariga tem o problema grave de travar as minhas batalhas por mim. Sempre o fez, e estou muito grata por tê-la como minha melhor amiga, mas não me defender a mim própria é precisamente a razão pela qual estou nesta situação.

Ela cede e conta-me sobre a promessa de dívida que sacou do tipo. Rio-me e enfio a minha blusa húmida na bolsa. Vou ter de levá-la a casa dos meus pais no dia de lavar a roupa.

Não permito que o Mac estrague a minha boa disposição. Prometi à minha melhor amiga que nos íamos divertir e quero cumprir essa promessa.

A Sierra ainda está com a cabeça noutro lugar, por isso, arrasto-a até à mesa de *beer pong*, onde ela opta por ficar a ver-me jogar pessimamente e a embebedar-me mais do que planeara. Mas tudo isso parece não ter importância nenhuma quando estamos na pista de dança, a cantar a nossa música preferida uma para a outra.

É apenas depois de algumas músicas, quando ela começa a desfrutar da festa, que a vejo congelar.

— Ei, o que se passa… ah. — É então que o vejo. O maior parvalhão do mundo e ex-par da Sierra, o Justin Petrov. — Queres que lhe atire a minha bebida à cara?

Isso seria o mínimo que eu lhe faria. Ao longo do último ano, sonhei em fazê-lo tropeçar no gelo e vê-lo chorar.

— Não antes de eu lhe atirar o meu punho à cara — murmura a Sierra.

Quando o Justin se aproxima para falar com ela, a única coisa que quero é pegar na Sierra e afastá-la o mais possível dele.

Quando era criança, nunca gostava de ver as pessoas que amava a sofrer. Mas depois cresci a ver a minha mãe chorar por causa do Victor, e já nada fazia sentido. Porque havia alguém de magoar a pessoa que ama?

Por isso, quando o Justin deixou a Sierra cair no gelo e a abandonou lá como se nada fosse, não consegui lidar muito bem com a situação. O tipo ficou ali parado a deixar-me insultá-lo mais vezes do que a Sierra algum dia saberá. Até lhe escrevi cartas furiosas que espero que o tenham feito chorar.

— Espera. Si, devíamos conversar — diz o Justin, agarrando no braço da Sierra.

— Não, não deviam — respondo secamente.

— Mas…

— Não tenho nada para te dizer. — A voz da Sierra é trémula, mas espero ser a única a perceber isso.

Com aquilo, tiro-a dali e, nos minutos seguintes, tento distraí-la. Falamos com algumas das minhas irmãs da república, mas vou olhando para ela de vez em quando para me certificar de que está bem.

Elas falam sobre o tempo que passámos juntas, mas isso só me faz recordar quem eu era naquela altura. Uma rapariga que mal consigo

tolerar agora. A sensação faz com que seja mais difícil respirar, e é então que me viro e vejo a Sierra já a dizer qualquer coisa.

— Sou a pior, e peço desculpa, mas…

— Vamos. A música está uma merda e as bebidas nem sequer são boas — interrompo-a.

Consigo ver o sentimento de culpa no rosto dela, mas puxo-a até à saída. Fora da casa, sentamo-nos na berma, de braço dado, à espera do nosso Uber. Não deixo que a Sierra me agradeça outra vez, pois prefiro estar aqui sentada com a minha melhor amiga a fazer qualquer outra coisa. Mas, por algum motivo, a minha mente vagueia até à proposta do Kian.